

CAPÍTULO 6

O PROBLEMA DA MORTE DE DEUS EM NIETZSCHE: UMA INTRODUÇÃO A GAIA CIÊNCIA

Rodrigo Nonato do Socorro Lopes

Pedagogo pelo IESM e
Graduando em Filosofia (Licenciatura) pela FUNIP - MG
Pós-graduado em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia,
Ensino Religioso, Filosofia e Teoria Social e em Ciências da Religião
Milagres do Maranhão.

Edson Antônio dos Santos

Advogado e economista
Pós-graduação em Direito do Trabalho e Previdência Social,
MBA em Gestão Tributária e em Tutoria em Educação à Distância.

RESUMO

Este artigo investiga as aparências da "morte de Deus" no pensamento ocidental, notavelmente presente nas obras de pensadores do século XIX e XX como Heine, Hegel, Comte, Feuerbach, Marx e, mais proeminentemente, Nietzsche. A expressão "morte de Deus" sugere uma mudança na concepção da divindade e da religião, influenciando tanto a literatura quanto os campos mais técnicos como a ciência e a teologia. A pesquisa se fundamenta através de uma abordagem bibliográfica e exploratória, recorrendo a uma variedade de fontes, desde artigos científicos e livros até materiais online e documentos da época. O estudo destaca como Nietzsche, influenciado por seus antecessores, bordou a ideia de que a religião perdeu sua capacidade explicativa, defendendo o ateísmo como caminho para a humanidade se libertar dos dogmas e redefinir sua moralidade. A "Gaia Ciência" proposta por Nietzsche visa estimular uma nova compreensão moral, valorizando a individualidade humana e a capacidade do indivíduo de atribuir significado ao mundo. Ao longo do tempo, o conceito de "morte de Deus" permeou diversas áreas do conhecimento, evidenciando a necessidade humana de reavaliar constantemente sua relação com o divino e a busca por significado.

Palavras-chave: Morte de Deus; Nietzsche; Teologia; Gaia Ciência.

INTRODUÇÃO

Desde o século XIX diversos pensadores proclamaram a "morte de Deus", um equívoco que se propagou por meio das obras de Heine, Hegel, Comte, Feuerbach, Marx e outros. Estes esforços deram origem ao pensamento de Nietzsche, que não ficou imune à influência de suas ideias. Ao longo deste capítulo, descubra como esse tema criou um efeito "comum" no mundo do século XIX e XX, reverberando temas que foram abordados tanto na literatura quanto na ciência e até mesmo na teologia.

A justificativa desse trabalho se dá do estudo partindo desde o início do Século XX, Nietzsche tornou-se reconhecido como um dos filósofos mais influentes e importantes de sua época. Suas obras têm sido largamente estudadas e discutidas pelos acadêmicos de todo o mundo. A crença central de Nietzsche era sua afirmativa "Deus está morto". Isso trouxe repercussões para a forma como a humanidade olha para o papel de Deus no mundo e o destino da espécie humana. Uma discussão abrangente sobre esse tema permitirá que os estudantes valorizem a amplitude e a complexidade de pensamento de Nietzsche. O objetivo desta apresentação é analisar o problema proposto por Nietzsche da "Morte de Deus" e discutir como isso afeta a teoria da "Gaia Ciência", desenvolvida por ele. O objetivo é também fornecer aos alunos uma visão geral da filosofia de Nietzsche e dos fundamentos teóricos dela, bem como fornecer uma análise detalhada da complexidade da teoria da Gaialogia.

No mundo literário, o tema "Morte de Deus" foi abordado por vários autores, como Heinrich Heine, quem publicou um poema intitulado "Morte do Deus" em 1821. Mais tarde, Friedrich Nietzsche publicou a frase famosa "Dieu est mort" em seu escrito *A Gênese da Tragédia* (1872). Neste escrito, Nietzsche desafiava o dogma cristão e o conceito tradicional de Deus. No que diz respeito à ciência, a "Morte de Deus" foi associada às teorias científicas do século XIX, notadamente a de Charles Darwin. Em sua obra *A Origem das Espécies* (1859), Darwin afirma que a evolução por meio da seleção natural é uma força que está governando o desenvolvimento das formas de vida e que isto não requer qualquer intervenção divina. Finalmente, o tema "Morte de Deus" foi amplamente discutido na teologia cristã, notadamente por teólogos como Rudolph Bultmann. Bultmann propôs um método teológico chamado "desmitologização" para o estudo bíblico, o qual foi influenciado pelo pensamento de Nietzsche sobre a modernidade e o impacto do conhecimento científico na religião.

No final de tudo, a "Morte de Deus" se tornou uma ideia comum entre várias áreas de conhecimento durante esse período, sendo amplamente discutida e refletida. Esta ideia influenciou profundamente o pensamento subsequente, a cultura ocidental como um todo e até teve um efeito significativo sobre a teologia e o comportamento humano.

METODOLOGIA

Evidenciamos essa metodologia como alicerce para sustentar a pesquisa científica, sendo assim, para o desenvolvimento desse trabalho, foi realizado uma pesquisa bibliográfica e exploratória. A bibliográfica conforme Gil (1993) classifica como um método que utiliza livros e artigos já elaborados por outros autores, sendo indispensável em qualquer tipo de estudo. Tendo em vista, que foi utilizado de artigos científicos, livros editoriais, materiais publicados em sites, sendo fundamental desenrolar da temática escolhida. Revisão da literatura: Para realizar o presente trabalho foi necessário a realização de revisão documental através do acesso a diversas fontes, como obras da mesma época e de épocas posteriores, sites, jornais, revistas, teses e enfim, diferentes fontes referentes à época da obra revisitada.

A pesquisa bibliográfica e a revisão da literatura foram metodologias importantes para o desenvolvimento deste trabalho. A pesquisa bibliográfica consistiu na leitura de livros, artigos científicos e matérias publicadas em sites, que foram fundamentais para a compreensão da temática escolhida. A realização da revisão documental foi feita também por meio do acesso a obras da mesma época, sites, jornais, revistas e teses, essenciais para se ter acesso à visão de Heinrich Heine, Ludwig Feuerbach e Nietzsche a respeito da "morte de Deus". Assim, a abordagem desta temática ficou mais clara e possível. O trabalho também contou com uma fase de análise das fontes.

Ao longo das leituras, foram realizadas comparações entre as obras de diferentes autores a partir das satélites abordagens. Assim, foi possível identificar os pontos de vista dos pensadores a respeito do assunto. A partir destes procedimentos, foi possível formular teorias acerca da temática tratada e realizar uma análise crítica da proposta heurística. Bem como a partir das conclusões chegadas na etapa anterior, também foi possível refletir criticamente sobre a "morte de Deus" e sobre a sua repercussão na filosofia contemporânea.

A presente pesquisa busca analisar as visões de Heinrich Heine e Ludwig Feuerbach sobre a "morte de Deus", um dos principais temas abordados pelos principais pensadores do século XIX. Essa importante

questão tem como base a visão filosófica de Nietzsche que afirmou que Deus morreu e deixou a humanidade solta em sua luta diária para encontrar o sentido da vida. Heinrich Heine, um dos poeta-atormentados mais famosos da Alemanha, possuía uma ferrenha visão negativa sobre a alienação da humanidade diante da situação de antagonismo social e ético das classes desprivilegiadas. Para ele, a solidão não é necessariamente algo deprimente, mas sim uma oportunidade para a realização da autoconfiança, pois ainda é encontrado um motivo para reencontrar a Esperança. Dessa forma, o debate sobre a “morte de Deus” traz à tona conceitos filosóficos essenciais, abordando questões de peso sobre a natureza humana e a busca pela verdade e significado da vida. Os estudos anteriores sobre o assunto contribuem para alimentar a reflexão, de forma que o presente estudo exploratório possa fornecer profundidade à discussão e caminhos para novas investigações.

DESENVOLVIMENTO TEXTUAL

A MORTE DE DEUS NO SÉCULO XIX

No século XIX, modo a decretar o "anúncio da morte de Deus", tratou as repercussões de tal temática até os dias atuais. Autores como Heine, Hegel, August Comte, Feuerbach e Karl Marx estiveram entre os mais renomados a tratarem do réquiem divino, tendo sua ressonância ultrapassado os limites do século XIX em direção ao século XX, sendo inclusive tematizado em diversos ramos da ciência, da literatura à filosofia, da teologia à ciência.

Segundo Volf (1998) “a teologia do nosso tempo deve avaliar o profundo significado teológico da morte de Deus, entendendo que ela é um acontecimento histórico que aconteceu no cosmo, na História e na Existência humana”.

A fundamentação teórica de Volf sobre a morte de Deus se baseia na noção dialética do abismo cristão, que afirma que Deus pode e deve permanecer em um estado divino, mesmo depois de enfrentar a morte humana. Este abismo cristão postula que Deus pode transcender o mundo humano, mas também viver nele. Em outras palavras, enquanto Deus permanece o Ser imanente que responde às preces e encarna Cristo, ao mesmo tempo Ele se destrói diante da morte, logo a ressurreição é fundamental para a fundamentação teológica de Volf sobre a experiência de Deus com a morte humana. Pela ressurreição, Deus emerge das trevas da morte para desfazer as consequências da queda humana, e restaurar a

ordem divina. Volf também enfatiza o mistério da fé cristã no que diz respeito ao tema da morte de Deus. Ele argumenta que a morte de Deus não é algo que possamos compreender com nossa razão limitada, mas algo que precisamos aceitar por graça e revelação divinas. Assim, a teologia de Volf fornece uma didascália significativa da experiência cristã da morte de Deus.

Nietzsche é dado como o filósofo que "matou Deus", entretanto, esta expressão havia sido utilizada antes por outros pensadores, como Hegel e Heine. Assim, o termo "morte de Deus" possui a conotação de algo que é radical no mundo contemporâneo cristão; isso foi retratado nos séculos XIX e XX pelos filósofos alemães, mesmo que August Comt não esteja nessa dissertação.

A obra de Friedrich Nietzsche, "Assim Falou Zaratustra", foi tida como central para a propagação da "morte de Deus". Neste livro se lê que Deus é morto porque a religião perdeu sua força para explicar a vida humana e o efetivo significado dela. Para Nietzsche, o ateísmo é o novo caminho para deixar de lado os dogmas religiosos e libertar a humanidade da moral de uma raça superior.

Ele argumenta que a existência do divino está se tornando irrelevante, pois o ser humano não precisa mais de uma figura transcendente que dita os valores, pois nossa moral é estabelecida pelo próprio indivíduo. Para Nietzsche, a única forma de construir a moral é baseada nos instintos, na experiência de cada um e na individualidade. Sendo assim, o tema central do livro é que a humanidade não pode mais contar com a religião e deve se libertar das crenças passadas e criar um novo significado para a vida.

O "Problema da Morte de Deus" é um conceito desenvolvido por Friedrich Nietzsche na sua obra intitulada *A Gaia Ciência*. Aqui, Nietzsche argumenta que com o declínio da Igreja, assim como a subsequente ascensão da ciência, a humanidade foi forçada a encarar o fato de que Deus não era mais uma figura ou autoridade no céu que era responsável por controlar todos os acontecimentos. Em vez disso, a humanidade descobriu que ela deveria assumir a responsabilidade de criar seu próprio destino. Com isso, a humanidade também foi forçada a enfrentar o fato de que Deus havia morrido e que a humanidade não tinha mais nenhum lugar a recorrer para conhecimento ou paz espiritual. Isso deixou a humanidade numa posição precária, pois ela estava sendo forçada a redefinir suas crenças e práticas sem a orientação de uma autoridade divina e sem significado inerente ou propósito maior.

Heinrich Heine

Heinrich Heine foi um dos poetas mais influentes do século 19 e está entre os principais componentes da tradição literária alemã. Suas principais obras abordam temas como o amor, a história, a religião e a morte. Uma das ideias centrais de sua obra é a morte de Deus, que ele viu como o fim da fé cristã na Europa. Ele pensava que a morte de Deus significava o fim de um sistema de crenças religiosas e moral e o início de uma nova era de desesperança. Seu trabalho expressa o sofrimento e a desesperança que ele viu em sua sociedade. Ele acreditava que, com a morte de Deus, o mundo perdia sua magia e se tornava um lugar difícil e amargo aonde o homem caía em desespero. Embora a morte de Deus de fato tenha sido trágica, Heine acreditava que ela significava também uma liberdade de expressão empoderada para o homem. Ele via a morte de Deus como o fim de uma era de opressão e a começo de uma era de liberdade.

A filosofia alemã é apenas um fruto tardio da liberdade de pensamento assim conquistada. O desenvolvimento atinge seu ponto crítico em Kant, em cuja filosofia Deus é apenas um conceito-limite, um noumenon. Aqui, todas as 'provas' imagináveis para a existência de um Deus compreendido de maneira deísta são refutadas de uma vez por todas. O desenvolvimento termina, enfim, com Hegel: em sua filosofia da religião, este pensa a sério que, diferente de todas as outras religiões, o cristianismo conhece um Deus que está morto (HEINE, 1991, p.135).

A filosofia alemã desenvolveu-se como um resultado da liberdade de pensamento conquistada. Kant foi o ponto crucial deste desenvolvimento, e sua filosofia descartou a possibilidade de provar a existência de Deus nos termos deístas. Por fim, a filosofia alemã foi aprofundada por Hegel, que acreditava que apenas o cristianismo tinha uma visão de um Deus morto.

Johann Heinrich Heine (1834) e Friedrich Nietzsche (1881) defendem que os seres humanos não devem se submeter às doutrinas espirituais impostas por outras pessoas ou instituições, mas fazer uso da sua vontade pessoal para encontrar satisfação e realização na Terra. Para Heine e Nietzsche, o cristianismo foi criado para servir de pretexto ao controle político e para difundir a falsa ideia de que a felicidade só é alcançada com o esforço para alcançar a salvação no além. Deus, nessa visão, torna-se subserviente à narrativa de vontade do poder político, o que ambos autores recusam. Sendo assim, Heine e Nietzsche defendem que o homem deve viver com

plenitude cada momento e usar a sua capacidade de resolver os problemas para alcançar os objetivos que considera dignos de ser alcançados.

A geração de Hegel na Universidade de Tubinga foi marcada por um sentimento contraditório de entusiasmo e preocupação com relação aos ideais humanistas propostos pelo imperador Frederico Guilherme II. Embora os ideais fossem apoiados por grandes mentes como Hegel e Schelling, os estudantes percebiam que não haveria mudanças significativas na sociedade e na cultura.

Em Hegel, a religião é entendida como a representação do Absoluto. O Absoluto é captado pelas imagens, símbolos, ritos e outras formas de apresentação religiosa que estimulam a reflexão e o reconhecimento do Absoluto. Segundo Hegel, é somente a partir dessas formas de apresentação que o Absoluto pode ser entendido e inteligível para o ser humano. Assim, a religião serve como uma forma de apresentação do Absoluto no pensamento hegeliano.

A própria ideia de que a religião é a auto-apresentação do espírito absoluto sob a forma de representação pode perfeitamente ser conservada; pois todos concordam em ver na religião o sistema de remissões simbólicas do humano ao divino. O simbólico (no sentido largo) é o que Hegel nomeia representação; ele constitui a determinação essencial da religião, e convém evitar uma interpretação negativa ou restritiva do símbolo. O fato de a religião ser o testemunho da presença de Deus é igualmente essencial; é até mesmo aquilo que torna inútil a apologética racional. Na religião, Deus se atesta. Para o raciocínio é um limite; o espírito passa da demonstração para a mostraçã (VIEILLARD-BARON, 2002, p. 59).

Esta frase afirma que a religião é uma forma de auto-apresentação do espírito absoluto, isto é, a maneira pelo qual Deus se manifesta no mundo humano. Hegel aponta que essa expressão é representada simbolicamente, ou seja, aquilo que aparece para o ser humano traz uma dimensão mística, a qual possui um determinado significado ou propósito. Assim, a representação expressa a presença de Deus, o qual se atesta frente a um limite para o raciocínio humano, pois a partir daí, o espírito passa de uma simples demonstração para a mostraçã.

O filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel afirmou que "a essência da religião em Hegel é ser testemunho ou manifestação de Deus; a consciência religiosa não é mais visada por uma essência absoluta ou Deus, mas o testemunho de Deus". De acordo com ele, a religião adquiriu uma outra

conotação, sendo "uma fenomenologia de Deus". Além disso, declarou que a religião "não é o saber absoluto; ela não tem existência perfeita do espírito consciente de si mesmo e de seu mundo ao mesmo tempo".

Ludwig Feuerbach

A filosofia religiosa de Feuerbach propõe que o homem projeta suas qualidades positivas para além de si mesmo, criando uma divindade venerada. Esta divindade é então considerada como realidade, o que leva o homem a sentir-se esmagado como um nada ou, pelo menos, como um pecador. Portanto, a ideia de Deus é, na verdade, resultado da hipostatização das qualidades pelo homem, um conceito que pode ser considerado, por exemplo, através do ideal de justiça, amor, misericórdia, etc. que são qualidades comuns ao Homo sapiens e que são transferidas para o divino.

A ideia de Deus como pai nasce da necessidade de segurança dos homens; a ideia de Deus feito homem exprime a excelência do amor pelos outros; a ideia de um ser perfeitíssimo nasce para representar ao homem aquilo que ele deveria, mas que jamais consegue ser; a ideia de uma existência ultraterrena não é outra coisa senão a fé na vida terrestre, não como ela é atualmente, ma como deveria ser (MONDIN, 2002, p.93).

Para Feuerbach Deus é a compilação dos sentimentos e pensamentos mais elevados do ser humano, ou seja, tudo o que ele possui de valor essencial para si é Deus. É o que faz o homem se sentir bem e feliz, o que é excelente e perfeito em sua vida. Para Feuerbach, Deus não é um ser metafísico, uma entidade abstrata, mas a forma humana idealizada das experiências humanas mais profundas e elevadas. Ele acredita que Deus é, na realidade, uma expressão dos sentimentos e dos desejos do homem, e que, portanto, o homem é o responsável pela criação da sua própria divindade. Essa divindade é criada individualmente e de maneira coletiva nas sociedades, pois é a expressão de todas as aspirações humanas. Deste modo, Deus é simplesmente o que um indivíduo ou uma cultura acredita que é, mas nunca poderá ser mais que aquilo que é pressuposto. Segundo Feuerbach, Deus não é mais do que o homem, não na ideia, mas na realidade.

Feuerbach afirma que a unidade entre o finito e o infinito não existe em Deus ou em qualquer outra instância, mas sim no próprio ser humano, uma figura material, mortal e real. Não desmerecendo a importância da

religião para o bem-estar humano, Feuerbach alerta para as "ilusões" provocadas por ela, indo contra a compreensão do ser humano como hipostasiado e mergulhado em algo superior a ele mesmo.

Deus é produto da humanidade, muito intrinsecamente ligado a ela, não importando se ele seja rejeitado por alguns ou desconhecido, ele ainda permanece com a humanidade. Contudo, Deus é o reflexo daqueles que o cultuam: o quanto o indivíduo valoriza-se, tanto valor possui para Deus. A consciência de Deus, de que ele existe, deriva de quem tem consciência de si próprio, qual seja, o conhecimento de Deus é equivalente ao do homem. Na verdade, Deus é a essência do homem, é a sua própria essência. *A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento que o homem tem de si mesmo*¹

Se o louco nietzscheano proclama a partir da praça pública que "Deus está morto", em seguida Feuerbach alcança a conclusão de que o cristianismo está destinado a desaparecer. Ele ilustra a ideia de que o cristianismo não atende às já existentes exigências humanas, possuindo uma existência desnecessária gerada pela inconcordância com os nossos modernos progressos, tais como ferrovias, museus, escolas de guerra etc.

Feuerbach afirma que "quem dá significado para sua própria existência é o homem, ele se faz, se projeta, busca seus ideais" e alerta que "quem não tem propósito não tem pátria, não tem sacrário. A maior desgraça é a falta de propósito". Por outro lado, ele também destaca que "quem possui um propósito, possui uma lei sobre si, ele não só se conduz, mas é conduzido". Além disso, ressalta que "a ideia que o homem tem de Deus é a ideia que ele tem de si mesmo, ou seja, da sua essência primeira".

O conceito de "morte de Deus" proposto por Ludwig Feuerbach foi a consequência lógica que resultou do ceticismo e do racionalismo intelectual prosperando no Ocidente no século XIX. Ele propôs que a personalização divina feita pelos seres humanos, de fato, é simplesmente uma projeção dos desejos considerados como ideais pelas pessoas. Esta projeção de Deus como ser onipotente, eterno e perfeito serve como aquiescência ao inevitável sofrimento experimentado na vida, aumentando a crença num reino além do existente, onde a felicidade eterna podem ser alcançadas.

Face às perdas e tragédias que afligiam os humanos, o sofrimento causado pelas limitações da vida gerou a crença num Deus amoroso e benevolente. Para Feuerbach, é essa crença no Deus onipotente que criou o senso de alienação entre o homem e sua vida terrena, distanciando-o do

¹ FEUERBACH, Ludwig. A Essência do Cristianismo...,p.55.

que é real e dando ao homem a sensação falsa de que o seu destino está nas mãos de um ente superior. É como consequência desse raciocínio que Nietzsche afirma profeticamente “Deus está além do bem e do mal”, num manifesto pedindo a morte desse Deus idealizado.

A GAIA CIÊNCIA

Para navegarmos no “Oceano Nietzsche” o recurso que utilizamos foi avançar mar adentro pelo “porto” de A Gaia Ciência (Die fröhliche Wissenschaft). Se “navegar é preciso”, como ensina a poesia, é Nietzsche mesmo que nos mostra o caminho para vislumbrarmos as belezas e os encantos de sua Gaia Ciência :

Todo esse livro não é senão divertimento após demorada privação e impotência, o júbilo da força que retorna, da renascida fé num amanhã e no depois de amanhã, do repentino sentimento e pressentimento de um futuro, de aventuras próximas, de mares novamente abertos, de metas novamente admitidas, novamente acreditadas. (FW/GC. Prólogo §1).

Em A Gaia Ciência (Die Fröhliche Wissenschaft) de 1882, Nietzsche anuncia de forma profética a "morte de Deus". Neste trabalho, é possível encontrar não apenas a profundidade de sua teoria, mas também a beleza e vitalidade das palavras. Esta obra ultrapassa suas anteriores, tornando-se um marco importante na produção filosófica de Nietzsche.

A obra de Friedrich Nietzsche intitulada A Gaia Ciência, juntamente com Aurora (1881) e Humano, demasiado humano (1886), é considerada parte da segunda fase da sua filosofia, essa etapa é conhecida por suas contribuições marcantes ao pensamento ocidental, como o conceito de eterno retorno, o anúncio da morte de Deus e o maior reconhecimento das doutrinas de Auguste Comte. O livro foi publicado em 1882, tendo um capítulo adicional adicionado cinco anos depois, sendo constituído por cinco capítulos e aproximadamente 383 aforismos que abordam diversos temas, tais como arte, política, moral, religião, conhecimento e verdade. Por meio da figura do louco que anuncia a morte de Deus (FW/GC. § 125), Nietzsche traça um diálogo entre as tradições da Grécia antiga e do cristianismo medieval.

O Significado Precioso da "Gaia Ciência" para o Filósofo Provençal do Século XII:

(...) – Com isso pode-se compreender por que o amor-

paixão – nossa especialidade europeia – deve absolutamente ter uma procedência nobre: é notório que ele foi invenção dos cavaleiros-poetas provençais, aqueles magníficos, inventivos homens do “gai saber” [gaia ciência], aos quais a Europa tanto deve, se não deve ela mesma” (JGB/BM. §260).

A filosofia de Nietzsche abre caminho para uma nova forma de pensar, chamada gaia ciência. Esta compreende a crítica à seriedade moribunda imposta pela cultura filistéia, pathos de seriedade e platonismo. A gaia ciência procura desmitificar as previsões e resultados desta cultura e busca escapar do modo de pensamento, através de uma reflexão e do riso.

Nietzsche vê a ciência como um dos meios para a contemplação da vida, um caminho de busca do Espírito Livre que transcende antigas normas morais e descobre novas formas de reanimação, criatividade e expressão. A "Gaia Ciência" representa nesta visão uma revolução na atitude moral, em direção a um modo de vida mais vigoroso, curioso e consciente. Esta abordagem fica evidente no segundo período da Filosofia de Nietzsche, um período que sugere uma nova maneira de viver que se expressa através da ciência, da criatividade e da aventura.

Os “Cantos do Príncipe Vogelfrei”, a maior parte composta na Sicília, recordam intimamente a concepção provençal da “gaia ciência”, aquela unidade de poeta, cavaleiro e espírito livre que distingue a maravilhosa e precoce civilização provençal de todas as culturas equívocas. A última poesia, especialmente, intitulada “Ao Mistral”, é uma canção bailadora, desenfreada, na qual – diga-se discretamente – dentro do espírito provençal vemos uma dança no tablado da moral (EH/EH. A gaia ciência).

A questão da "morte de Deus" foi enfatizada na filosofia do século XIX, sendo também um tema presente na teologia. Isso se deu mediante uma reflexão profunda sobre a relação entre a variedade de interpretações e os meios para avaliar essas interpretações. Dois grupos de pessoas foram destacados neste contexto: aqueles de "A Gaia Ciência", livres e alegres, vivendo a vida ao máximo, e os moralistas - ou seja, os pragmatistas ingleses - que abordam de forma racional todas as questões, inclusive a existência. A partir dessa análise, surgiu uma necessidade imperativa de criar um diálogo teológico e filosófico a fim de se discutir este tema.

Realizar um vôo panorâmico sobre a teologia da morte de Deus significa levantar questões relacionadas às suas implicações no universo

axiológico. Nietzsche lança um novo olhar para a figura de Deus em seu século, dando-lhe o título de Deus morto. O pensamento nietzschiano coloca em xeque as tradicionais concepções de supremacia divina, pois deixam de servir como referências para o estabelecimento de valores. Enquanto uma morte real aceita-se como inevitável, uma morte simbólica também pode ser considerada, com um profundo impacto espiritual. Assim, realizar este vôo teológico torna-se pertinente, a fim de compreender melhor a transcendência e estudar as questões que um mundo sem referências Deus-centradas gera. A expressão “deserto do nada” denota esse vazio e desamparo que se estabelece pela perda de Deus.

Com o declínio da Metafísica, novo horizonte se abre diante do homem, que contrasta com o devir do oceano a estabilidade da terra firme. Nietzsche destaca esse contraponto através do seu aforismo número 124 de *A Gaia Ciência*.

Deixamos a terra firme e embarcamos! Queimamos a ponte – mais ainda, cortamos todo laço com a terra que ficou para trás! Agora tenha cautela, pequeno barco! Junto a você está o oceano, é verdade que ele nem sempre ruga, e às vezes se estende com seda e ouro e devaneio de bondade. Mas virão momentos em que você perceberá que ele é infinito e que não há coisa mais terrível que a infinitude. Oh pobre pássaro que sentiu livre e agora se bate nas paredes dessa gaiola! Ai de você se for acometido de saudade da terra, como se lá tivesse havido mais liberdade – e já não existe mais “terra”!
(FW/GC. §124).

No Aforismo 125 de *A Gaia Ciência*, destaca-se o tema do “anúncio da morte de Deus”. No entanto, como indica Gilles Deleuze, houve textos anteriores como a obra *O Viajante e Sua Sombra*, da seção chamada *Os Prisioneiros*, que faz uma alusão à “morte de Deus”. Deleuze nos aconselha a possuir uma certa rudeza em nossos hábitos para poder lidar com estas verdades difíceis de se suportar. Assim, essa Kerigma deve ser vociferado: “Deus morreu” e devemos ter a coragem necessária para acompanhar essa verdade.

A Gaia Ciência é o ponto nevrálgico da nossa abordagem, pois aqui encontramos seu réquiem divino. É nela que se revela a força da natureza, bem como a beleza e os mistérios da terra-mãe. É ela que nos dá a chance de contemplarmos a maravilha da vida e nos ensina preciosas lições sobre responsabilidade, respeito e equilíbrio.

No pensamento de Nietzsche, Deus é visto como uma figura transcendente que foi abolido por niilismo moderno. Com a ascensão da

ciência e a conseqüente perda da crença nos valores absolutos, a teologia e a religião, o Homem passou a ser o centro de tudo, com o antropocentrismo substituindo ao teocêntrico. Desta forma, Nietzsche enxerga que tudo o que era considerado realidade absoluta e verdade, na verdade, se tratava de meras ilusões e quimeras. O Transcendente, portanto, foi banido e deu lugar ao caos na realidade humana. Assim, Nietzsche propõe que o Homem deixe de lado sua necessidade de acreditar numa verdade absoluta e busque a autenticidade e a individualidade. É só assim que se pode chegar a um estado de liberdade, onde o Homem finalmente pode se tornar o senhor de si e em seu próprio mundo.

O anúncio da "morte de Deus" aconteceu na Ágora, que é a praça pública e o mercado da cidade antiga grega. A Ágora era o local onde as pessoas interagiam, conversavam, faziam diversos tipos de negócios e abordavam questões sobre direito, história, filosofia e outras. O significado da Ágora é que ela foi o berço para os primeiros ideais de liberdade, democracia e igualdade que estabeleceram a fundamentação para a moderna civilização ocidental.

A Ágora era a alma da Polis grega, o lugar, geralmente situado no porto, no qual decorria toda a vida pública, onde se faziam os julgamentos, os sacrifícios aos deuses e os vários tipos de comércio. 'Aqui, diante dos navios, cercado de templos, prédios oficiais, monumentos, lojas comerciais e tendas de cambistas até não mais caber, o grego realizava seu "agorazein", coisa que os nórdicos jamais conseguem traduzir com uma palavra. O que consta nos dicionários – "circular no mercado, comprar, falar, aconselhar, etc." – não consegue traduzir aquele clima de reunião e passeio, onde as pessoas negociam, conversam e se distraem. (TURCKE, p.19)

"A 'morte de Deus' não é uma simples metáfora, nem mesmo um jogo de palavras ou um sofisma; os pensadores modernos não conseguiram alcançar a verdadeira compreensão de seu próprio ateísmo, cabendo, então, a um louco a tarefa de revelar o que realmente está acontecendo" (TURCKE, p.28).

Os gritos de desespero ao sentir a morte de Deus ecoam pelos quatro cantos do mundo. A base da sociedade Ocidental cristã foi abalada e muitos se perguntam o que acontecerá em seguida. O Deus cristão, antes adorado e reverenciado, agora não é mais. Seu reino idealizado não passa de um sonho inalcançável, e todos estão de luto.

Nietzsche considera que a herança da moral judaico-cristã faz parte do modo como o homem europeu continua a perpetuar as antigas lendas e crenças. No entanto, com o declínio do cristianismo, surge uma nova visão, como a ciência, que muda o materialismo para o niilismo, o vazio existencial e axiológico. Esta nova visão é a que Nietzsche propõe como alternativa à moral judaico-cristã.

“Deus”, “imortalidade da alma”, “redenção”, “além”, todos esses são conceitos que nunca levei em conta; nunca com eles sacrifiquei o meu tempo, nem mesmo em criança; talvez nunca fosse bastante ingênuo para fazê-lo? Para mim o ateísmo não é nem uma consequência, nem mesmo um fato novo: existe comigo por instinto. Sou bastante curioso, suficientemente incrédulo, demasiado insolente para contentar-me com uma resposta tão grosseira” (EH/EH. II, §1).

Muitos que se consideram cristãos, ainda assim, estão longe de seguir o exemplo de Jesus Cristo. Eles estão satisfeitos em viver segundo as regras e leis do sistema religioso, ignorando os ensinamentos de Jesus e o seu amor incondicional. Eles passam a maior parte do tempo seguindo dogmas e rituais, ignorando a exortação de Jesus para amar e servir uns aos outros. Desprezam as suas últimas palavras e instruções, que foram dirigidas a toda a humanidade, para que vivam em consonância com os seus ensinamentos. Assim, ao invés de aproximarem-se de Jesus, eles se afastam cada vez mais, tornando-se diferentes e distantes da Conquista de Cristo.

CONCLUSÃO

A discussão desse artigo sugere que a morte de Deus na obra de Nietzsche é um dos mais estudados e debatidos tópicos por filósofos e pensadores. De acordo com Nietzsche, o cristianismo é um sintoma de decadência, pois propõe uma grande "impotência moral" ao contrário do paganismo antigo, que estimulava as "forças da vida". Ao descartar a autoridade e o legitimismo dos antigos valores cristãos, Nietzsche propõe uma "Gaia Ciência" para encorajar a humanidade a construir seu próprio caminho.

O conceito de "Gaia Ciência" é entendido como uma forma de filosofia inovadora e radicalmente orientada para o futuro humano, relacionada à reativação de um senso moral mais forte. Gaia Ciência de Nietzsche afirma a ideia de que os humanos devem “superar” a moralidade tradicional cristã,

propomos uma atitude individualista e humanista ante a vida, valorizando os sentidos divinos internos, o que possibilitaria a criação de um novo sentido para o mundo.

Assim, Nietzsche acredita ser essencial para a humanidade aceitar e praticar essa nova “Gaia Ciência” para confiantemente definir os seus valores e direcionar as suas ações. A análise deste artigo também abordou outras perspectivas que surgem sobre a morte de Deus. Assim, Nietzsche afirma que a morte do Deus Cristão não pode ser uma simples negação de Deus, mas algo que vai muito além disso. Ao negar Deus, Nietzsche pretende libertar o homem do medo e preconceito religiosos, e assim permitir que o homem descubra o que seria necessário para ser considerado moralmente bom, justo e correto.

Portanto, a Gaia Ciência proposta por Nietzsche é destinada a auxiliar o homem a se emancipar de sua prisão dogmática, para assumir o controle de sua própria moral e construir seu próprio caminho. Por meio de sua visão sobre a morte de Deus, Nietzsche ofereceu um modelo importante de moralidade humanista que valoriza o indivíduo, incentivando-o a redefinir os ideais da personalidade, vida e justiça e a reafirmar os valores de liberdade, independência e criatividade.

Conclui-se, assim, que esta análise demonstra que a “Gaia Ciência” de Nietzsche possui grande importância, visto que os seus argumentos centrados na natureza democrática da humanidade ainda são pertinentes para os dias de hoje. Apesar dos diversos pontos controversos a serem considerados, estes fundamentos são importantes para a manutenção dos direitos humanos e do desenvolvimento da democracia e da paz. Conclui-se, então, que o artigo trouxe uma consulta aprofundada e significativa aos argumentos de Nietzsche.

Ao discutir e interpretar a visão de Nietzsche em relação à morte de Deus, bem como à sua Gaia Ciência, o artigo forneceu um entendimento e avaliação inovadores da filosofia nietzschiana. Por fim, para aprimorar ainda mais esses estudos e desenvolver outras perspectivas de discussão, é importante o envolvimento de outros pensadores contemporâneos e a investigação posterior desses assuntos para que se obtenha uma compreensão mais profunda do tema da morte de Deus e da filosofia de Nietzsche.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACH, Augusto; MARTINS, João Vitor Gomes. Nietzsche e a Gaia Ciência: o prelúdio de uma filosofia trágica. **Guairacá-Revista de Filosofia**, v. 32, n. 1, p. 59-80, 2016.

BOLLMANN, Guilherme. A crítica de Nietzsche à compaixão nas obras Aurora e Gaia Ciência. **Revista DIAPHONÍA**, v. 4, n. 2, p. 74-86.

DA SILVA, Leonardo Camargo; SUEIRO, André Luiz. A IDEIA DE DEUS ENTRE NIETZSCHE E PLATÃO. **Revista Contemplação**, n. 13, 2016.

DE MENDONÇA, Adriany Ferreira. Nietzsche e a arte: gaia ciência como possível antídoto contra o niilismo. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 34, n. 62, p. 4-21, 2022.

HEINE, Heinrich. Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha, São Paulo: Iluminuras, 1991, p.135

HEINE, J. G. (1841). Nova poesia e outros ensaios. Leipzig: Verlag Wilhelm Gerstenberg. Nietzsche, F. (1914). Assim falou Zaratustra. São Paulo: Abril Cultural.

LOPEZ, Jesus Manuel. Que Deus morreu?. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 3, n. 1, p. 78-91, 2015.

SOUZA, Mauro Lúcio Ribeiro de. O réquiem divino: a morte de Deus em A gaia ciência de Nietzsche. 2007.

STEGMAIER, Werner. O pessimismo dionisíaco de Nietzsche: interpretação contextual do aforismo 370 d'A Gaia Ciência. **Estudos Nietzsche**, v. 1, n. 1, 2010.

VOLF, M. (1998). After our Likeness: The Church as the Image of the Trinity. Grand Rapids, MI: Eerdmans.